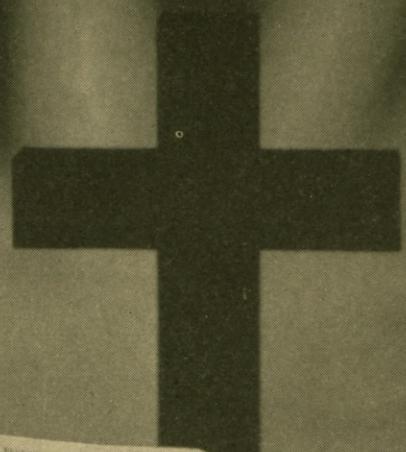




Ministério

Adventista



Uma Oração em Busca da CHAMA CELESTIAL

“Ó Deus, envia-nos o Espírito Santo! Concede-nos o alento de vida espiritual e o fogo de irreprimível fervor, até que as nações se submetam à autoridade de Jesus. Ó Tu que és o nosso Deus, responde-nos por meio de fogo, e saberemos então que realmente és Deus.

“O reino não vem, e a obra esmorece. Oxalá enviasses o vento e o fogo! Tu o farás quando todos estivermos em perfeito acôrdo, todos crendo e esperando, e preparados por meio de oração. Coloca-nos, Senhor, nesta posição de espera!

“Ó Deus, envia-nos uma temporada de glorioso transtôrno. Oxalá apareça uma rajada de vento que agite os mares e faça arfar da proa à pôpa o couraçado da cristandade, que agora se acha ancorado tão calmamente!

“Quisera que tornasse a cair o fogo — que abalasse os mais impassíveis! Oxalá êsse fogo pairasse primeiro sôbre os discípulos, e caísse depois sôbre todos ao redor! Ó Espírito de Deus, estás disposto a trabalhar conosco hoje, da mesma maneira como fizeste no passado. Não Te detenhas, suplicamos-Te, mas opera sem tardar!

“Destrói tôda barreira que impede a recepção de Teu grande poder! Derriba, derriba, ó Vento sagrado! Remove todos os obstáculos. Ó Fogo celestial, dá-nos agora corações em chamas e línguas de fogo para pregar Tua Palavra reconciliadora! Por amor de Jesus, amém.”

CARLOS HADDON SPURGEON





EDITORIAL

O Sacerdócio Universal

ENOCH DE OLIVEIRA

NA antiga economia judaica unicamente o sumo sacerdote podia entrar no santíssimo. Com as suas vestes brancas, protegido pelo véu de incenso, aproximava-se com tremor do trono divino, e deste encontro com Deus regressava anunciando aos adoradores reunidos que a obra da expiação havia sido consumada. Porém, quando Jesus expirou na cruz, "eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo" (S. Mat. 27:51). Naquele momento histórico-profético cessou o monopólio sacerdotal. O véu que impedia o livre acesso do adorador comum ao lugar santíssimo foi rasgado em forma sobrenatural. Inaugurava-se a instituição do "sacerdócio universal." Agora, graças à obra reconciliadora de Cristo, o crente mais humilde pode ir com confiança à presença de Deus e, desta augusta audiência com o Altíssimo, regressar levando ao mundo os benefícios da redenção.

Sacerdócio Real

O sacerdócio de todos os crentes não é uma invenção protestante. Vem do Nôvo Testamento. São Pedro escreveu "aos eleitos que são forasteiros da Dispersão": "Vós... sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecer sacrificios espirituais... Vós sois raça eleita, sacerdócio real, povo de propriedade exclusiva de Deus." I S. Pedro 1:1; 2:5 e 9.

Esta passagem nos leva à conclusão inofismável de que o sacerdócio santo e real mencionado pelo apóstolo é um sacerdócio corporativo. Não encontramos em todo o Nôvo Testamento qualquer referência a um ministério sacerdotal de indivíduos, exceto o de nosso Senhor Jesus Cristo.

Em conseqüência, a distinção entre ministros e leigos deve ser considerada uma diferença de função e não de dignidade. Ministros e leigos constituem a "nação santa, povo de propriedade



exclusiva de Deus." Qualquer tendência a fazer do ministro um sacerdote, segundo o modelo da antiga economia judaica, e do leigo um elemento passivo, adultera e contradiz o ensino claro do Nôvo Testamento.

A Igreja Neotestamentária

A igreja cristã primitiva entendeu em sua plenitude a doutrina do "sacerdócio universal." E por isso em apenas três séculos de existência se tornou uma instituição religiosa reconhecida pelo grande Império Romano. Com efeito, este foi um notável triunfo. A despeito da intolerância dos judeus apegados à disciplina de suas tradições vazias, e apesar do ódio dos gentios narcotizados pela filosofia politeísta, a igreja cresceu, graças ao zelo e dedicação de seus membros, legítimos integrantes do "sacerdócio real."

Gibbon, o festejado historiador do Império Romano, atribuiu a rápida expansão do cristianismo naqueles dias "ao zelo e entusiasmo do povo por uma causa. Eles eram ardorosos mensageiros e obreiros infatigáveis." (F. P. Corson, *Your Church and You*, pág. 15.)

Existia entre esses primitivos cristãos um admirável fervor evangelístico. Tangidos pela perseguição eles se espalharam através do mundo mediterrâneo levando por toda parte as boas-novas do evangelho. Mas, quem eram estes dispersos que com tanta veemência anunciavam as riquezas insondáveis de Cristo? Eram leais membros leigos que, integrados ao programa missionário da igreja, proclamavam ao mundo o poder redentor do evangelho. Este é o modelo que a igreja precisa reconquistar.

Clérigos e Leigos

Com admirável astúcia e reconhecida habilidade, Satanás formulou seus planos para obstaculizar com êxito os triunfos do evangelho. Dividiu a igreja em dois grupos: clérigos e leigos. Posteriormente convenceu os dirigentes de que

os leigos deveriam ser reduzidos ao silêncio, porque "são cidadãos de segunda classe, ouvintes passivos da Palavra." O diálogo missionário com o mundo passou a ser responsabilidade exclusiva do ministério. Era o triunfo do clericalismo.

Com a apostasia medieval o ministério e os leigos se separaram mais ainda, não somente pela distinção de responsabilidades espirituais, mas também no tocante à posição hierárquica pessoal. Belarmino "comparou o papa ao Sol, o imperador à Lua, os bispos às estrélas, o clero ao dia e os leigos à noite." (David S. Schaff, *Our Fathers Faith and Ours*, pág. 287.) O Catecismo Tridentino confirma esta gradação de valores, doutrinando que "os sacerdotes do Novo Testamento excedem de muito a tôda outra gente em honra, não podendo o sacerdócio ser equiparado ou assemelhado a qualquer outra classe sôbre a Terra." (Loc. Cit.)

Restauração e Declínio

A Reforma em sua rebelião contra as castas e hierarquias eclesiásticas, recuperou o princípio neotestamentário do sacerdócio universal dos crentes, propiciando outra vez aos leigos a oportunidade de trabalho nas diversas atividades da igreja, e os instou a realizá-las com sentido de responsabilidade.

Os sucessores de Lutero, entretanto, gradualmente perderam de vista a importância do "ministério leigo," e outra vez o dever do testemunho valioso e frutífero perante o mundo passou a ser uma obrigação exclusiva dos pastôres e evangelistas. Como resultado, as igrejas evangélicas se transformaram em instituições tradicionais, carentes de vigor missionário.

O periódico *The Watchman-Examiner* publicou há alguns anos, baseado em informações estatísticas, um certo parágrafo, expondo os seguintes fatos, a respeito das igrejas protestantes no vigésimo século: "5% dos membros de

nossas igrejas não existem; 10% não podem ser achados; 25% nunca freqüentam a igreja; 50% não são contribuintes; 75% nunca assistem às reuniões de oração; 90% não fazem culto doméstico e 95% não ganharam nunca uma alma para Cristo." (A. E. Prince, *Cristo é Tudo*, pág. 50.)

Aí temos o resultado nefasto do abandono da doutrina do "Sacerdócio Universal."

Os Leigos e a Tríplice Mensagem Angélica

O movimento adventista nasceu por inspiração divina e cresceu graças ao fervor e entusiasmo de extraordinários pregadores voluntários. A proclamação da esperança adventista — escreveu a Sr.^a White — foi "confiada em grande parte aos humildes leigos. Lavradores deixavam os campos, mecânicos as ferramentas, negociantes as suas mercadorias, profissionais os seus cargos; não obstante, o número de obreiros era pequeno em comparação com a obra empreendida. . . . O simples e direto testemunho das Escrituras, levado ao coração pelo poder do Espírito Santo, comunicava-lhes um peso de convicção a que poucos eram capazes de resistir inteiramente." — *O Conflito dos Séculos*, pág. 368.

Mais uma vez o princípio evangélico do sacerdócio de todos os crentes foi restaurado. Em quase todos os países do mundo a história da Igreja Adventista está saturada de inspiradores incidentes que descrevem a dedicação de seus membros à obra do evangelismo.

E agora que nos aproximamos do fim do mundo, não podemos permitir que este fervor sofra solução de continuidade. Saibamos, como ministros, fazer a nossa parte para que o ministério leigo seja não apenas uma força vital na igreja, mas também uma influência positiva e fecunda em um mundo estremecido pela incerteza, confusão e terror.

"Êles não o Merecem, Senhor!"

"Paulo I. Wellman conta-nos uma bela história originária dos negros do Sul. Refere-se à quarta tentação. Todos conhecemos as três tentações de Jesus no monte, isto é, a da fome, do insultuoso desafio e do ambicioso orgulho. Mas os negros do Sul falam de uma quarta tentação, que veio a Jesus quando Êle estava suspenso na cruz. Satanás retornou a Êle e sussurrou-lhe ao ouvido: 'Êles não o merecem, Senhor!' Nessa altura do drama do Calvário, o Mestre levantou a voz e clamou: 'Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem.' E imediatamente Satanás fugiu, pois sabia que os poderes das trevas jamais poderiam prevalecer contra a imaculada alma do Filho de Deus." — *The Conquest of Life*.

A Chuva Temporã e a Serôdia

DALLAS YOUNGS

Diretor de uma Escola Bíblica por Correspondência nos Estados Unidos

A ÁGUA, na Bíblia, é um símbolo do Espírito Santo. Jesus chamou-a de “água viva” na palestra com a samaritana. É denominada “água santa” em Números 5:17, mas se a mulher era culpada, transformava-se em “água amarga.” Era a “água da purificação” em Números 8:7, ou a “água da expiação,” conforme diz a Edição Revista e Atualizada no Brasil.

Declarou Jesus: “Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto Ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nEle crescem; pois o Espírito até esse momento não fôra dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.” S. João 7:37-39.

Quando Josué e os israelitas atravessaram o Jordão e entraram na terra de Canaã, depararam com um país bem provido de água. Em Gósen, no Egito, tinham sido obrigados a irrigar suas plantações e jardins; “mas — disse o Senhor — a terra que passais a possuir é terra de montes e de vales: da chuva dos céus beberá as águas.” Deut. 11:11.

Havia duas estações do ano em que a chuva caía abundantemente. Na última parte de outubro e no início de novembro (o mês hebraico de Heshwan) vinham as chuvas temporãs.

A segunda temporada de chuva ocorria na primavera, no fim de março e no começo de abril (o mês hebraico de Nisan). As chuvas de outubro-novembro recebiam o nome de Chuva Temporã, e as chuvas de março-abril eram denominadas Chuva Serôdia.

Representa a Obra do Espírito Santo

“No Oriente, a chuva temporã cai no tempo da sementeira. Ela é necessária, para que a semente possa germinar. Sob a influência de fertilizantes aguaceiros, brota o tenro rebento. Caindo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão, e o prepara para a foice. O Senhor emprega essas operações da Natureza para representar a obra do Espírito Santo. Como o orvalho e a chuva são dados primeiro para fazer com que a semente germine, e então

para amadurecer a colheita, assim é dado o Espírito Santo para levar avante, de um estágio para outro, o processo de crescimento espiritual. O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no caráter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo.” — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 506.

Chuvas Detidas

Canaã era a terra dos heteus, dos cananeus, dos amorreus, dos ferezeus e dos heveus. Era uma terra que manava “leite e mel” (Êxo. 3:8). Era “terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeias; terra de oliveiras, de azeite e mel” (Deut. 8:8). Deus deu-a a Seu povo e os abençoou nela, mas sob a condição de obediência:

“Guarda os mandamentos do Senhor teu Deus, para andares nos Seus caminhos, e O temeres. . . Guarda-te não te esqueças do Senhor teu Deus, não cumprindo os Seus mandamentos, os Seus juízos e os Seus estatutos, que hoje te ordeno.” Versos 6 e 11.

Com o passar do tempo, quando o povo se esqueceu de Deus, foram detidas as chuvas “temporã” e “serôdia,” ou deixaram de cair. O povo teve de reconhecer que isto acontecia por causa de seus pecados. Portanto, quando não caía chuva, eles proclamavam períodos de jejum que às vêzes se estendiam por diversas semanas, até chegarem as chuvas.

Duas Grandes Visitações

As duas estações periódicas de chuva na terra de Canaã, simbolizavam as duas grandes visitas do Espírito Santo: uma no início da dispensação evangélica, e a outra no fim. O derramamento do Espírito Santo no Pentecostes foi a chuva temporã. Isto ocorreu em Jerusalém. As circunstâncias foram bastante fortuitas. Era a festa do Pentecostes, e havia ali “homens piedosos, de tôdas as nações debaixo do céu.” Os visitantes de dezoito nações diferentes ficaram maravilhados com o que viram, com o

que ouviram e com o que experimentaram sob o poder do Espírito. Pedro se ergueu e disse ao povo que isto era o cumprimento da profecia de Joel: "E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos." Atos 2:17.

Tornando-se corajosos sob a influência do Espírito Santo, os que tinham sido covardes na crucificação disseram ao povo que eles haviam crucificado o Senhor da glória: Jesus, o Filho de Deus. Quando as pessoas ouviram estas coisas, "compungiu-se-lhes o coração" pelo Espírito Santo, e perguntaram: "Que faremos, irmãos?" A resposta de Pedro destina-se a todas as gerações: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo." Versos 37 e 38.

Naquele mesmo dia se converteram e foram batizadas três mil almas. O Espírito continuou a Sua obra, e foram batizadas outras milhares de pessoas. "Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé." Atos 6:7. Tão grande foi a virtude e o poder do Espírito Santo, que Paulo, perto do fim de seu ministério, escreveu aos colossenses, dizendo: "Não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro." Col. 1:23.

O Espírito veio sobre os discípulos, que expectantes oravam, com uma plenitude que alcançou cada coração. O Ser infinito revelou-Se em poder a Sua igreja. . . . A espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 38.

Palavras que se Tornaram Poderosas

Sob o poder do Espírito, as palavras de Pedro e dos demais apóstolos tornaram-se poderosos instrumentos para convencer os corações dos ouvintes de sua perversidade em crucificar a Jesus. Esta foi a chuva "temporã," e maravilhosos foram os seus resultados; todavia, o derramamento do Espírito na chuva "serôdia" será maior ainda. Milhões aceitaram a fé de Jesus durante o derramamento inicial, porém muitos milhões se converterão durante a chuva serôdia.

Agora é o Tempo

Vivemos agora no tempo da "chuva serôdia." Estão caindo aguaceiros nalguns lugares da Ter-

ra, mas em geral não é assim. Por via de regra, "como um povo, . . . somos tão áridos como os montes de Gilboa, que não tinham orvalho nem chuva." — E. G. White, em *Review and Herald*, 11 de março de 1890, pág. 146. Assim como os primeiros discípulos oraram pelo cumprimento da promessa do Espírito Santo, somos também convidados a orar: "Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia." Zac. 10:1.

O Espírito foi dado com grande poder no Pentecostes, em resposta à oração acompanhada de confissão do pecado e consagração da vida. Ele será dado com grande poder na "chuva serôdia," em resposta a exatamente as mesmas condições. Não há nada que necessitemos mais no tempo atual do que o poder do Pentecostes. Falamos em "completar a obra," mas não estamos mais preparados para concluí-la do que estavam os discípulos primitivos para iniciá-la sem o poder do Espírito Santo.

Deus concederá a "chuva serôdia" da mesma maneira como concedeu a "temporã," mas devemos buscá-la. "Não fiqueis satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá. Pedi-a. O crescimento e a perfeição da semente não repousa sobre o lavrador. Só Deus pode amadurecer a colheita. Mas se exige a cooperação do homem. A obra de Deus por nós exige a ação de nossa mente, o exercício de nossa fé." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 508.

Reuniões campais, concílios de obreiros, congressos de membros e assembleias de dirigentes de igrejas locais provêem insuperável oportunidade para nos unirmos em suplicar a Deus o derramamento da "chuva serôdia." Ele será dado. Deus o prometeu, mas a mansidão, a humildade e o fervor devem caracterizar os suplicantes.

"Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes." Sal. 126:6.

O derramamento do Espírito Santo na "chuva serôdia" porá termo à longa estiagem desde a cessação do poder por volta do fim do primeiro século. Na verdade, como sucedia em Canaã, havia aguaceiros em diversas ocasiões e lugares entre a chuva "temporã" e a "serôdia." Não obstante os tempos em que estamos vivendo, o povo de Deus parece olvidar sua grande necessidade.

A mensagem de Deus aos laodiceanos visa despertá-los de sua condição de "infelizes, miseráveis, pobres, cegos e nus." O conselho do Senhor muitas vezes é desatendido: "Aconselho-te que de Mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifes-

(Continua na pág. 9)

A Última

CRISE ESPIRITUAL

do Remanescente de Deus

P. J. RETIEF

Da Associação Transvaal, Joanesburgo, África

EM casos de enfermidade, uma crise pode significar a recuperação do paciente, ou o seu fim. A uma crise assim chegou este nosso mundo enfermo de pecado — uma crise em que o mundo começará a melhorar, ou tôdas as coisas terão o seu fim.

Ao pensar na palavra grega *krisis* (que significa um tempo de divisão, de escolha e até de acusação), reconhecemos haver chegado a tal situação. Podemos esperar um tempo de recuperação, um tempo de grandes e nobres consequências, ou maior deterioração, degeneração e decadência no futuro imediato.

Alguns pensadores otimistas, de nosso tempo, estão esperando que o mundo irá melhorar. E chamam de *tempo de transição* à crise que enfrentamos. Naturalmente, os adventistas do sétimo dia têm fortes dúvidas a êsse respeito. No entanto, podemos concordar com êles que temos chegado ao "grande divisor" em que terão de ser feitas escolhas decisivas, pois compreendemos indubitavelmente que essa crise não se restringe à política. Abrange e controla tudo na vida do homem moderno.

A humanidade enfrentou tempos de crise no passado. Lembramo-nos de como o mundo grego-romano deparou com uma crise, declinou e retrocedeu, e como o cristianismo da Idade Média se tornou dominante na Europa. Desenvolveu-se então outra crise: o tempo em que o racionalismo moderno se tornou dominante; um período de ilimitada liberdade humana e confiança própria — sofrendo a humanidade da ilusão do poder. Experimentou-se então um terceiro período de importante transição, quando predominou uma nova etapa de vida racional — uma época em que a liberdade humana existia dentro de determinados limites permanentes.

Aproxima-se uma Crise Mundial

Durante algum tempo tudo parecia correr normalmente. Atingimos porém agora uma crise diferente de tôdas as outras, não só no conteúdo

mas também na magnitude e no escopo. Os tempos de crise anteriores ocorriam em geral apenas no Ocidente, mas agora a civilização ocidental se alastrou a novas regiões do globo, como por exemplo a África e a Ásia. Tôdas as partes do mundo se fundiram pela ciência e tecnologia do Ocidente. Temos um tráfego mundial, um sistema de intercomunicação mundial, uma cultura mundial. Estas coisas estão aumentando continuamente, até o mundo tornar-se, segundo parece, uma grande família infeliz. Êstes fatôres contribuintes conduziram o homem à maior crise da História — uma crise política, social, econômica e religiosa. É um tempo em que podemos esperar um confronto racial como jamais no passado.

É neste tempo, chamado pelos filósofos de "período crítico de transição," que o homem perdeu sua ilimitada confiança em si mesmo e sua glorificação própria, devido a duas guerras mundiais. Depois de três séculos — dezessete, dezoito e dezenove — o homem chegou ao abismo da nulidade. Não encontrou um lar entre as estrêlas do universo, embora ainda o procure desesperadamente. Chegou ao ponto em que busca e almeja um lugar em que Deus não exista.

Mesmo no que diz respeito à ciência, o homem descobriu que não lhe é possível compreender tudo; que algumas coisas na Natureza não ocorrem forçosamente de acôrdo com leis fixas, e que, portanto, *nem tudo pode ser predito e calculado com exatidão*. Com efeito, há incertezas na própria Natureza.

Êle descobriu também que não pode isolar inteiramente o objeto de suas cogitações, mas que no processo do pensamento tem de envolver a si mesmo. Seu cérebro não é um registrador objetivo com o qual êle possa determinar exatamente o que sucede ao seu redor, conforme pensava anteriormente.

O Mundo da Incerteza

O homem compreendeu repentinamente os li-

mites de sua constituição física, emocional e espiritual. E o aspecto *mais importante* da crise que o homem enfrenta é o *abandono dos padrões estabelecidos em todos os setores da vida*. Notamos, especialmente no que diz respeito à verdade, que não existem mais fatos indubitáveis. *O homem não tem mais certeza de coisa alguma*. O isto aconteceu devido ao afrouxamento liberalístico de todos os laços entre o homem e seus semelhantes, sua família, seu país e sua comunidade. Podemos encará-lo como um processo pelo qual o indivíduo se tornou membro de uma amorfa massa local e internacional. E, por mais irônico que pareça, verificamos ao mesmo tempo a vinculação da humanidade, que tanto difere em cultura, pensamento e religião. Não admira que o homem tenha atingido o ponto em que a religião, a cultura e a tradição são encaradas com suspeita, não sendo mais dignas de nota; são coisas de que o homem se deve livrar o mais depressa possível.

O principal sintoma da enfermidade de que padece o homem é que *êle não pode ter absoluta certeza de coisa alguma*. Está constantemente à procura de mais fortes excitações emocionais, que lhe prestem auxílio na solidão em que se encontra (como o diabólico LSD usado por milhares de jovens). O homem se afastou da Natureza e do trabalho salutar, e deteve-se numa praia solitária em que procura encontrar conforto em drogas, no álcool e outros estímulos ainda mais fortes.

Irônicamente, *êle procura também maior conhecimento, que está sendo suprido por informações superficiais e sensacionais através de meios de publicidade, como a imprensa, os filmes, o rádio e a televisão*. Seus pensamentos estão sendo conduzidos, portanto, numa senda predeterminada, num círculo vicioso, que julgamos ser a derradeira crise espiritual deste mundo.

Algumas pessoas otimistas pensam que o homem conseguirá superar tôdas essas dificuldades, e que o mundo se restabelecerá de sua enfermidade. Mas os adventistas do sétimo dia crêem que atingimos o início do fim, e que "já não haverá demora" antes da volta de nosso bendito Senhor (ver Apoc. 10:5 e 6).

Nesta crise final, qual deve ser a atitude do povo remanescente de Deus? Convém abandonar as normas estabelecidas ou rejeitar os atributos que nos distinguem como povo remanescente? Devemos dirigir-nos para onde não haverá certezas, como a igreja de que fomos chamados a sair? Deixar-se-á a igreja arrebatar pelas perniciosas correntes do tempo presente? Vemos indubitavelmente a crise do mundo desenvolver-se dentro da própria igreja cristã quando ela dá desnecessário lugar a incertezas e chega até o

ponto de rejeitar ou pôr em dúvida a existência de Deus.

Qual deve ser o característico preeminente da igreja de Deus? Acaso não é que ela deve ser como uma sólida rocha entre as correntes redemoinhantes e destruidoras, em que o homem que se afunda possa apegar-se firmemente e salvar-se assim para a eternidade? Ou deixar-se-á a igreja influenciar de tal maneira que ela mesma não tenha mais qualquer certeza?

A questão, portanto, é se temos ou não permitido que a crise externa penetre em nosso meio. Oxalá pudéssemos dizer com toda a honestidade que ela permaneceu completamente fora das paredes de nossa igreja! Mas temos de admitir com tristeza que a última crise espiritual do mundo exerceu influência sobre nós como povo remanescente. E o mais importante sintoma dessa influência pode ser visto no fato de que nós como um povo (e neste sentido nós ministros somos os mais culpados) chegamos ao ponto de quase não ter mais certeza de coisa alguma. Somos capazes de dar respostas definidas às indagações de nosso povo? Ou deixamos o inquietador na mesma condição que antes? Não temos mais certeza dos marcos do caminho para a eternidade? E, por causa disso, corremos o perigo de abandonar padrões estabelecidos?

Perguntas Importantes

Se perguntássemos aos ministros adventistas do sétimo dia: "Quais são as coisas de que estais absolutamente certos?" qual seria a resposta? Talvez essa resposta demonstrasse confiança naquelas grandiosas verdades bíblicas que defendemos, como o sábado, o batismo, a segunda vinda. Mas é lamentável que tenhamos deixado de dar a nosso povo respostas definidas sobre outras questões de vital importância. Cremos sinceramente no Espírito de Profecia? Ou consideramos-no apenas como bom conselho para tempos passados? Qual a convicção que temos no tocante a este assunto vital?

Como ministros, o que cremos a respeito da reforma pró-saúde (não apenas com referência ao vegetarianismo)? Que respostas definidas podemos dar ao povo de Deus sobre este importante assunto? Visto que vivemos num tempo de crise que requer grande capacidade intelectual, muita resistência física e completo bem-estar espiritual, que responderemos *nós*? Ou não temos muita certeza a respeito de algumas das coisas que foram escritas para nossa instrução?

Temos certas normas definidas, que nos foram dadas por Deus, no tocante ao vestuário,

aos esportes e às diversões? Ou ajudamos a criar desordens entre o povo remanescente devido a não termos certeza de coisa alguma?

Nosso povo (bem como a humanidade ao nosso redor) necessita desesperadamente de respostas definidas. Procuramos apresentar-nos a Deus, aprovados, como obreiros que não têm de que se envergonhar, que manejam bem a Palavra da verdade (II Tim. 2:15)? Quando nossos jovens fazem perguntas acêrca da televisão, do rádio, do cinema, da dança etc., sabemos com certeza o que responder? O que diremos a respeito de ir a cinemas com acomodações para automóveis, em que se pode ficar sentado no próprio carro? Que responderemos no tocante à arte, literatura e música moderna? Resolvemos com reverência e devoção perante Deus quais as únicas respostas a serem dadas? Ou preferimos usar de evasivas, confortando nosso povo com as palavras: "Isto não tem muita importância"? Sabemos dar à trombeta de advertência um somido claro e certo? Sabemos dizer um definido Sim ou Não no temor do Senhor?

Procuraremos, "com diligência cada vez maior, confirmar" a nossa "vocaçào e eleição, porquanto, procedendo assim," não tropeçaremos "em tempo algum" (II S. Ped. 1:10). Não seguimos "fábulas engenhosamente inventadas" (verso 16) e, portanto, como dirigentes do povo, precisamos ter certeza quanto aos marcos e as normas do caminho para a eternidade. Chamemos o pecado e o mundanismo pelos seus nomes certos. Não sejamos culpados de especulações vagas e incertas, criando desordem entre o povo que tem de lutar para conservar a crise dêste mundo fora de suas fortalezas.

O mundo sempre exerceu influência sôbre a igreja através dos séculos. Fomos porém chamados das trevas para a maravilhosa luz de Deus (I S. Ped. 2:9). Se tão sòmente andássemos nesta "maravilhosa luz," saberíamos dar uma resposta apropriada para as indagações de nosso povo. Não devemos saturar-nos com o vinho da devassidão dêste mundo. Precisamos conhecer os marcos. Não devemos abandonar as normas. Se não semearmos insegurança e incerteza, não colheremos problemas e descontentamento.

Reconsideremos com humildade e devoção as normas que fomos chamados a defender. Saiba-

mos com certeza as questões vitais que estão em jôgo na última crise espiritual dêste mundo. Mereçamos a confiança que nosso povo deposita em nós, e, com o poder de Deus, conservemos o tempo de crise fora dos limites da igreja.

A Chuva Temporã e a Serôdia

(Continuação da pág. 6)

ta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas." Apoc. 3:18.

Quando o povo de Deus atingir o local da oração perseverante, aonde Pedro, Tiago, João e os demais do grupo apostólico chegaram depois da ascensão, cairá a "chuva serôdia," e multidões se converterão. Joel 2:23 promete tanto a chuva temporã como a serôdia: "Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no Senhor vosso Deus, porque Ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia."

"A chuva serôdia, amadurecendo a seara da Terra, representa a graça espiritual que prepara a igreja para a vinda do Filho do homem. Mas a menos que a chuva temporã haja caído, não haverá vida; a ramagem verde não brotará. Se a chuva temporã não fizer seu trabalho, a serôdia não desenvolverá a semente até a perfeição. . . .

"Só os que estiverem vivendo de acôrdo com a luz que têm recebido poderão receber maior luz. A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das ativas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia." — *Testemunhos Para Ministros*, págs. 506 e 507.

Oxalá o povo de Deus abandone sua indiferença no tocante ao derramamento do Espírito Santo com grande poder nos dias finais. Não é tempo de os cristãos se arrisarem a ser descuidados. Atenuar os esforços para desenvolvimento espiritual mostrar-se-á fatal. Falhar na fé e na oração em tal tempo como êste significa perder o Céu.

Cristo advertiu: "Vigiai e orai." "Vigiai em oração."

Como Conquistar Muito Mais Almas Para a Verdade

"Se nos humilhássemos diante de Deus, e se fôssemos bondosos, corteses, ternos e compassivos, haveria cem conversões para a verdade onde agora há apenas uma." — *Testimonies*, Vol. 9, pág. 189.

“Um ABISMO Chama Outro ABISMO”

RAUL S. WATTS

Vice-Presidente da Associação Geral

O HOMEM mergulha cada vez mais fundo em profundezas abismais que se acham fora de seu controle — profundezas de confusão moral, profundezas de dilema político, profundezas de cristianismo ateu, profundezas de ciência incontrolável.

Tomás Carlyle, ensaísta e historiador inglês, assistiu a uma festa numa casa, na véspera do Ano Novo. Tarde da noite, ficou incomodado com a conversa banal e frívola e esgueirou-se silenciosamente do recinto. Caminhou para a praia, em meio à escuridão. A tempestade bramava com violência. As ondas do mar despedaçavam-se com estrondo. Os trovões ribombavam no céu. As trevas da noite pareciam misturar-se com o negror do mar encapelado. Quando o velho ano se fundiu com o novo, a alma do filósofo ficou enlevada com a importância de tudo isso. Exclamou êle: “Acho-me no centro de imensidades, na confluência de eternidades.”

É aí que a humanidade se encontra hoje em dia. Estamos no centro de imensidades — imensidades no mundo científico, moral e espiritual. Muitas das imensidades do século vinte desconcertam nossa imaginação. Elas excedem a qualquer descrição.

A Imensidade das Descobertas Científicas

Os cientistas perscrutaram os segredos da Natureza durante séculos, sem conseguir muita coisa. De repente, porém, ocorreu e está ocorrendo algo extraordinário. Vivemos hoje num mundo de maravilhas científicas, e as realizações atuais são apenas um débil prelúdio do amanhã.

A Imensidade da População Mundial

O aumento da população do mundo é alarmante. A explosão demográfica desafia as mentes mais aguçadas. Há demasiadas pessoas no mundo e muito pouco alimento. Isto não é mais um problema abstrato pertencente ao futuro. Ele está diante de nós, e torna-se cada vez mais urgente. Os estatísticos afirmam que por volta do fim do século, no ano 2.000, a população do

mundo terá passado de seis bilhões e meio de habitantes. Dêsse ponto em diante as estatísticas se tornam frenéticas. Os cientistas falam agora de uma “ecumenópolis” ou metrópole mundial. As próprias pessoas se tornaram uma arma que poderá destruí-las no final.

A Imensidade da Decadência Moral

A sociedade de hoje no mundo ocidental está enfrentando uma crise moral. Cada aspecto de nossa vida está sendo assaltado pela desintegração moral. A decadência e a corrupção moral prolifera ao nosso redor.

Disse recentemente um historiador: “A deterioração moral no Ocidente destruir-nos-á por volta do ano 2.000, mesmo que os comunistas não o façam.”

Achamo-nos no meio de uma crise moral nos Estados Unidos porque muitos norte-americanos que procuram levar uma vida decente não podem mais ter certeza do que é certo ou errado.

A Imensidade do Vácuo Espiritual

Jamais a religião cristã foi tão respeitável, mas também nunca esteve tão afastada da realidade da vida. Dos púlpitos se ouve falar cada vez mais de um cristianismo destituído de religião. Os dirigentes de igreja proclamam com crescente intensidade um evangelho humanístico. Existe um movimento entre os teólogos protestantes para remodelar a mensagem cristã a fim de torná-la mais aprazível ao homem moderno.

Crenças tradicionais estão sendo rejeitadas. Pouco a pouco Deus está sendo humanizado, e o homem, deificado.

A Imensidade da Geração Atual

A revista *Time*, no número de Ano Novo, em 6 de janeiro de 1967, quebrou a tradição escolhendo como “Homem do Ano” a atual geração de jovens. A geração mais nova mostra-se agora maior do que todas as indicações da ciência e da tecnologia. No momento presente há uns 90 milhões de jovens com vinte e cinco anos de

idade para baixo (nos Estados Unidos). Declara a revista *Time*: "Nunca os jovens foram tão positivos ou tão francos, tão bem educados ou tão mundanos."

Sem dúvida o mundo enfrenta profundas imensidades em todos os setores da vida moderna, que superam tudo aquilo com que deparamos as gerações anteriores. É sob o panorama destas imensidades que chamo a vossa atenção para uma singular e surpreendente frase da Bíblia. Está entesourada no Salmo 42, versículo sete: "Um abismo chama outro abismo."

Existe algo imponente nestas cinco notáveis palavras. Há profundidade aí. Não é o murmúrio de um regato rumorejante ou o sussurro de um curso de água procedente das montanhas. É como que o encapelar de ondas gigantes — o mar açoitado com fúria por ventos impiedosos. Há grandeza aí. As cascatas e as torrentes impetuosas ecoam e repercutem pelas colinas e barrancos. "Um abismo chama outro abismo, ao fragor das tuas catadupas." É a voz de muitas águas. É a terrível luta do homem contra o ambiente. É o clamor da humanidade que chegou a águas mui profundas. A raça humana bem poderia dizer: "Tôdas as Tuas ondas e vagas passaram sobre mim." Sal. 42:7.

A ciência deveria ser uma bênção para a humanidade, mas a própria grandeza das conquistas científicas criou um problema. A ciência que procura solver os nossos problemas tornou-se ela própria um problema. A ciência produziu o DDT para matar percevejos; o 2-4-D para matar ervas daninhas; a fórmula 1080 para matar ratos; e a equação $E=MC^2$ para extinguir a civilização. Guido D. Newman, diretor do Colégio Howard Payne, afirmou o seguinte: "O conhecimento do homem ultrapassou sua sabedoria. Ele tem receio do que conhece."

Esta é uma época de vacuidade espiritual. É um tempo em que a igreja cristã está destruindo o seu Deus. Não porque haja menos igrejas ou menor assistência nas igrejas cristãs. Na realidade, a freqüência à igreja apresenta um índice mais elevado do que jamais no passado. Mas também é verdade que a venda de literatura pornográfica atinge alturas inigualáveis. A sociedade moderna tornou-se tão obcecada com o sexo, que êle goteja dos poros de toda a nossa vida nacional. A menos que haja uma modificação radical, o cristianismo histórico, da maneira como o conhecemos, se extinguirá. E é exatamente o que sucederá, pois a pena inspirada declarou com discernimento profético:

"Cristo lançou o olhar através dos séculos. . . . Viu que o verdadeiro cristianismo quase se extinguiria por completo, de tal maneira que em Seu segundo advento Êle encontraria a sociedade em condição semelhante à que existia antes

do dilúvio. . . . Até as igrejas estariam desmoralizadas, e a Bíblia seria negligenciada e profanada." — E. G. White, em *Signs of the Times*, 21 de abril de 1890.

Fé Genuína ou Mais Religiosidade?

Porém, das profundezas de um cristianismo desmoralizado e decadente emergiria uma nova humanidade. Num tempo em que o mundo atingir as maiores profundezas de apostasia, será manifestado um autêntico espírito protestante que despertará o mundo. Uma vigorosa minoria cristã estabelecerá clara diferença entre fé genuína e mera religiosidade. Leiamos mais êste trecho escrito pela serva do Senhor:

"Enquanto o mundo protestante, por sua atitude, está fazendo concessões a Roma, devemos despertar-nos a fim de compreender a situação e encarar o conflito à nossa frente em seu devido aspecto. . . . Ergam agora os atalaias a sua voz como a trombeta, e transmitam a mensagem que é a verdade presente para êste tempo. Saibam êles onde nos achamos na história profética, para que o espírito de verdadeiro protestantismo possa despertar o mundo todo." — *Review and Herald*, 1.º de janeiro de 1889.

Esta é uma notável declaração elucidativa. O espírito de verdadeiro protestantismo se encontrará entre os que proclamam "a verdade presente para êste tempo." A mensagem pregada por êstes genuínos protestantes despertará "o mundo todo."

Isto coloca a formação de uma nova humanidade precisamente diante de nós. Deus fêz surgir o Movimento Adventista para realizar tal coisa. Logo chegará o tempo em que só nós representaremos o verdadeiro cristianismo no mundo. Tôdas as denominações cristãs se unirão e farão concessões a Roma. Apertar-se-ão as mãos na formação de uma super-igreja cristã, ecumênica, que preservará "a forma exterior de religião," mas será uma "efetiva negação de sua realidade" (II Tim. 3:5 — *The New English Bible*).

Em tal tempo como êste, nós-obreiros e membros devemos envidar esforços para a criação de uma idéia apropriada a respeito do adventismo. Precisamos ser mais diligentes no sentido de sermos compreendidos. Precisamos ser mais persuasivos como comunicadores de verdades espirituais. Precisamos fazer com que outros vejam a Igreja Adventista em sua verdadeira luz.

Devemos criar uma atmosfera espiritual em que lampejos da glória divina dissipem as trevas e iluminem as nuvens tempestuosas da hora remanescente. Deveras gloriosas será a consumação do verdadeiro cristianismo da maneira como é revelado no Movimento Adventista.

QUANDO através de nossos sentidos embotados temos um pálido vislumbre de Deus e de Seu poder, majestade e glória; quando pensamos nos homens que estiveram em presença do próprio Rei dos reis e Senhor dos senhores, como Moisés, Isaías e Paulo, e os vemos prostrados com grande temor e sendo transformados para sempre depois de considerarem esta a mais elevada experiência de sua vida; quando observamos a reverência e adoração dos seres angelicais que velam o rosto, e de outros seres celestiais cuja constante alegria é exclamarem: Santo, Santo, Santo!; quando vemos tôdas estas coisas, discernimos a importância da adoração e do culto, e a necessidade de lhes darmos devida consideração.

Procuremos ser homiléticos, e consideremos o culto sob três aspectos: O significado do culto, a importância do culto e a atmosfera do culto.

O Significado do Culto

Um dicionário declara que o culto tem o significado de reverência, honra, respeito, homenagem, devoção, adoração, veneração. Indubitavelmente, esta definição é correta, mas é um tanto fria.

Em seu livro *The Public Worship of God*, Henrique Sloane Coffin define o culto sob diversos e interessantes pontos de vista. Ele considera o ato de adoração como "aprêço." Remonta a um antigo significado da palavra *worship* em inglês: *worthship*—reconhecimento do mérito de alguém, "a respeitosa, alegre e espontânea reação do espírito humano ao defrontar-se com o Deus da revelação cristã, o Deus da criação e redenção." Coffin diz que o "elemento primordial no culto é este reconhecimento adorador do mui querido Pai, do majestoso Deus de todos os mundos," e também que ele consiste em "aprêço por Alguém mais elevado e melhor do que nós."

Em segundo lugar, Coffin declara que prestar culto significa ofertar algo, e que "o aprêço se revela naturalmente no ato de ofertar." "Culto é a dedicação de nós mesmos a Deus." "Oferecemos-Lhe nossos pensamentos, nosso arrependimento, nossa gratidão, nossas aspirações." Poderíamos acrescentar também que Lhe dedicamos nossos talentos, nosso tempo, nossos recursos. Por último, Coffin afirma que culto é comunhão, e acha ser êste o seu "aspecto supremo." Salienta que "existe uma diferença entre falar a respeito de um amigo e falar com êle, e o mesmo sucede com referência a Deus." Há uma diferença entre dizer "Ele" e "Tu."

A própria Bíblia nos ajuda a formar nosso conceito do culto. O Salmo 95:2 fala de ações de graça. O verso 6 fala da postura física na adoração, isto é, o ato de ajoelhar-se. O Salmo

96:8 menciona uma oferenda, como parte de nosso culto. Apocalipse 19:5 e 6 fala de louvor. Apocalipse 15:2 e 3 fala de música. Apocalipse 4:9-10 menciona a adoração.

A serva do Senhor amplia ainda mais nosso conceito a respeito do culto. Lemos em *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, pág. 195: "Todo o serviço deve ser efetuado com solenidade e reverência, como se fôra feito na presença pessoal de Deus mesmo." A irmã White declara que estar disposto "para obedecer a todos os reclamos divinos" é no que "consiste o culto legítimo" (*Idem*, Vol. 3, pág. 356). Esta é sem dúvida a prova do culto genuíno. Todo culto que não conduz a essa direção é absolutamente falso e sem valor.

Prestar culto, portanto, é o ato de aproximar-se de Deus. É o método de aproximar-se d'Ele. É um encontro deveras pessoal com Deus. E se o culto é tudo isto, e se o Culto Divino no sábado de manhã é um dos meios principais para um encontro coletivo com Deus, *quão so-*

O SIGNIFICADO

FILIPPE V

Pastor em

lene não é a nossa responsabilidade! Isto torna impossível esquivarmo-nos ao segundo ponto.

A Importância do Culto

Por meio dêste conselho especial vemos a importância do culto. "A menos que aos crentes sejam inculcadas idéias precisas acerca do culto verdadeiro e da verdadeira reverência para com Deus, prevalecerá entre êles a tendência de nivelar o sagrado ao comum. Tais pessoas, professando a verdade, serão uma ofensa a Deus e uma lástima para a religião." — *Idem*, Vol. 2, pág. 202. A irmã White afirma que "um inimigo tem estado a trabalhar, a fim de destruir nossa fé na santidade do culto cristão." (*Idem*, pág. 198.) É na página seguinte ela escreve: "O sentimento moral dos que adoram a Deus no Seu santuário tem de ser elevado, apurado e santificado." Poderíamos citar muitas declarações semelhantes, que salientam grandemente a importância do culto.

Existe uma perigosa tendência, especialmente nas cidades ou nos centros de nossa obra, de crescente número de membros serem adventistas

apenas uma hora por semana. Eles assistem somente ao Culto Divino. Não frequentam a Escola Sabatina, o culto de oração, nem mesmo as reuniões sociais, mas mantêm apenas um contato semanal de uma hora com a igreja. Se na verdade é assim, isto aumenta a importância do Culto Divino e também a nossa responsabilidade de preparar alimento espiritual que seja variado, apetecível e nutritivo. Sei que a obra no púlpito por parte do pastor constitui apenas uma parcela de suas responsabilidades; estou inteirado das advertências da serva do Senhor no tocante a passar demasiado tempo no gabinete de estudo; mas estou cada vez mais convicto de nossa sagrada responsabilidade como pastores, de dedicarmos ao Senhor e ao povo um tempo honesto na preparação da iguaria do culto para o banquete do sábado.

Muitas pessoas que assistem a nossas reuniões prestarão ou não culto devido à existência ou à falta de planejamento e preparo de



O DO CULTO

DUNHAM

and, Oregão

nossa parte. Muitas pessoas serão ou não conduzidas à presença de Deus, em virtude de serem ou não guiadas para lá, por nós. Por isso que o Culto Divino é importante.

Havia um quadro numa das salas de aula do antigo Seminário de Washington, D.C., que me causou profunda impressão. Apresentava uma linda e pomposa igreja, com um esplêndido altar, perto do qual algumas pessoas prestavam culto. Cristo aparecia no quadro, mas não junto ao altar. Encontrava-Se ao lado de um adorador solitário nos fundos da igreja, entre as sombras. Tenho perguntado muitas vezes para mim mesmo: Onde Cristo Se encontra no Culto Divino dirigido por mim? Acaso Ele Se acha ali? Toma prazer na adoração que Lhe é prestada? Se não tivermos a presença de Deus no culto, não teremos coisa alguma. Por isso que o Culto Divino é importante.

Falei sobre o significado do culto. Procurei salientar a importância do Culto Divino, mas o aspecto relevante é como dirigir esse culto, pondo em prática os princípios que aprendemos. Costumo chamar a isto de atmosfera de culto.

A Atmosfera de Culto

Que quer dizer "atmosfera de culto"? Cerimônias impressionantes, deslumbrante aparato, igrejas suntuosas, ritos solenes e empolgantes, procissões imponentes, pinturas, esculturas, incenso? Não, mas alguns destes elementos podem ter seu lugar na hora do culto. Na verdade, "atmosfera" é algo que as pessoas sentem. "Gosto de ir a uma igreja adventista. Encontra-se algo diferente e importante ali." Se alguma pessoa disser isto é porque Alguém Se encontra ali. Eis o conselho que nos é dado: "Nossas reuniões devem oferecer o maior interesse possível. Deve imperar ali a própria atmosfera do Céu." — *Idem*, Vol. 2, pág. 252. Que desafio espiritual!

Um Pesadelo

Só muito ocasionalmente tenho sonhos que se aproximam duma espécie de pesadelo, mas sempre eles se centralizam nalgum culto que se desintegra diante de meus olhos estupefatos — como não estar devidamente vestido, pessoas andando duma parte para outra ou saindo enquanto me esforço para falar, procurando freneticamente o esboço do sermão, sem conseguir encontrá-lo. Talvez já tenhais experimentado um pesadelo semelhante, e sentido grande alívio ao verificar que era apenas um sonho.

Tenho freqüentado alguns cultos em que a atmosfera tem sido algo inferior à atmosfera celestial. Estive num culto em que o ministro pensava que seu esboço se encontrava dentro da Bíblia, mas quando êle se levantou para falar, os apontamentos não se achavam ali. Procurou-os na Bíblia durante alguns momentos, saiu então do púlpito e foi até o lugar em que estivera sentado na Escola Sabatina, mas também não conseguiu encontrá-los ali. Finalmente um outro ministro e eu, que estávamos na plataforma, ajudamos a procurar o esboço que desaparecera. Podeis imaginar o transtôrno que isto causou à atmosfera de culto.

"Não Esqueçais os Picles"

Lembro-me de um culto em que houve tal hostilidade entre o organista e o diretor do côro, que êste impelia a congregação num ritmo cada vez mais rápido. O pianista acabou parando de tocar. Tôda a congregação sentiu algo eletrizante, pois muitos conheciam o conflito existente entre as duas personalidades. A atmosfera de culto foi completamente destruída. Às vêzes, atos grosseiros ou muito casuais destroem a atmosfera de culto. Refiro-me também à hora de culto que é mutilada pela desorganização, e ao culto em que há conversa entre o púlpito e a congregação: "Irmã Joana, a sala das Dorcas estará aberta às têrças-feiras?" Refiro-me ao culto em que muitas vêzes são feitos anúncios impróprios e seculares, talvez com respeito a algum piquenique. E quem sabe alguém acrescenta no fim: "E não vos esqueçais dos picles para os sanduíches!" Que sucede com a atmosfera de culto em tais circunstâncias? Irmãos, precisamos excluir algumas coisas e incluir outras, para que nossos cultos sejam impregnados da "própria atmosfera do Céu."

O que compõe a atmosfera do culto? Em primeiro lugar, o próprio ministro e seu vestuário, sua conduta, seu decôr etc. Depois os anciãos e seu conhecimento, preparo, habilidade etc. Então, a organização, o planejamento e o preparo da hora de culto. A música desempenha uma parte importante na atmosfera de culto. Quer consista de hinos, antifonas ou ofertórios, a música deve ser bem escolhida, apropriada e adaptada às necessidades espirituais da congregação.

Também existe a questão do lugar de culto. Na igreja Stone Tower estamos gastando milhares de dólares para torná-la mais apropriada à adoração e reverência. Mas, não importa se a igreja é grande ou pequena, sempre haverá alguma coisa que se pode fazer para aumentar a atmosfera de culto, mesmo com o dispêndio de pequena quantidade de dinheiro. É possível adorar a Deus num salão em que

Para o Trabalho Ser Eficaz

"A MEDIDA que aumenta a atividade, e os homens são bem sucedidos em realizar alguma obra para Deus, há risco de confiar em planos e métodos humanos. Vem a tendência de ter menos fé.... Necessitamos olhar continuamente a Jesus, compreendendo que é Seu poder que realiza a obra. Conquanto devamos trabalhar ativamente pela salvação dos perdidos, cumpre-nos também consagrar tempo à meditação, à oração e ao estudo da Palavra de Deus. Unicamente o trabalho realizado com muita oração e santificado pelos méritos de Cristo, demonstrar-se-á afinal haver sido eficaz." — O Desejado de Tôdas as Nações, págs. 268 e 269.

tudo cheira a cigarro e café; mas que bênção é adorá-Lo num ambiente apropriado, em que a atmosfera parece dizer: "Deus está aqui!" Na igreja em que João Wesley pregou seu primeiro sermão estão gravadas estas palavras no soalho: "Entre por esta porta como se o soalho lá dentro fôsse de ouro e cada parede fôsse composta de jóias de incalculável valor; como se cantasse aqui um côro com trajes de fogo. Não grite, não corra, mas guarde silêncio, porque Deus está aqui."

Prestaram Êles Realmente Culto a Deus?

É bom quando as pessoas vêm a nossas igrejas e dizem: "Assisti a um culto na igreja adventista" ou "ouvi um sermão pregado por um pastor adventista, que foi excelente." Oxalá, porém, que as pessoas dissessem: "Hoje pres-tei culto a Deus numa igreja adventista. Parecia que Deus estava realmente ali. Senti Sua presença."

Como sintetizaremos nossa opinião a respeito da hora de culto? Ela deve ser reverente, mas não fria; majestosa, mas não demasiado formal; bela, mas não pomposa; animada, mas não comum ou casual; solene, mas não sombria; bem organizada, isto é, realizada com "decência e ordem," mas não mecânica e afetada; elevada, mas de tal maneira que as pessoas possam prestar culto alegremente. Talvez não haja um culto assim em parte alguma da Terra, mas com a ajuda divina podemos aperfeiçoar os que existem. Dentro em breve, por meio de inces-sante aproximação de Deus, todo o nosso ser será arrebatado em transportes de louvor e veneração ao adorarmos a Deus face a face.

A América do Sul,

a Mensagem Adventista e o Método – 2.^a Parte



Lutas por Libertação

IDÉIAS liberais saturavam a atmosfera européia e americana durante a última parte do século dezoito. Na Europa, escritores como Lamartine, Rousseau, Voltaire, Montesquieu e João Locke haviam convencido as pessoas de que cada indivíduo tinha seus próprios direitos, que não lhe podiam ser negados pelo govêrno.

A Revolução Francesa, até certo ponto identificada com a luta nos Estados Unidos, exerceu maior influência ainda na mente do povo da América Latina. A divisa da Revolução Francesa: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade," tornou-se uma senha entre os pensadores avançados da América Latina que haviam perdido a confiança na autoridade da Igreja e no direito divino por parte dos reis.

"O solo já havia sido preparado mediante gradual infiltração em educados círculos crioulos, das doutrinas de alguns dos grandes pensadores franceses do século dezoito. Em desafio à Inquisição, as obras de Montesquieu, Voltaire e Rausseau tinham sido contrabandeadas para a América Espanhola, e encontraram milhares de leitores. A famosa enciclopédia, de que Diderot era o principal colaborador, era um verdadeiro arsenal de que os crioulos extraíam suas armas em seus ataques ao sistema governamental da Espanha. A deflagração da Revolução Francesa foi aclamada com entusiasmo, e o seu desenvolvimento foi acompanhado com grande interesse. Diversos protagonistas das Guerras de Independência, em especial Miranda e Bolívar, foram testemunhas oculares de algumas de suas cenas mais excitantes. Seus princípios alastraram-se rapidamente e serviram de notável exemplo aos futuros dirigentes da luta pela independência. Em 1794, a Declaração dos Direitos do Homem foi traduzida para o espanhol e distribuída através da parte setentrional da América do Sul por um eminente crioulo de Nova Granada, Antônio Naiveo, que quase pagou sua temeridade com a vida."⁷

As únicas pessoas que estavam satisfeitas com as condições coloniais eram os oficiais espanhóis e portugueses, o clero e os grandes proprietários rurais. Se alguém tivesse quaisquer propensões liberais, não gostava da proibição de ler livros liberais ou da probabilidade de ser acusado de heresia pela Inquisição (estabelecida

pela Igreja). Se êle fôsse negociante, desagradavam-lhe os impostos injustos e o não poder empenhar-se em qualquer negócio que um espanhol ou português desejasse reservar para seu próprio povo. Em acréscimo ao espírito de liberdade que misteriosamente se alastrou pela América e a Europa na última parte do século dezoito, podemos mencionar o descontentamento na América Latina devido a numerosos abusos do poder praticados pelas autoridades coloniais.

Sim, o desejo de liberdade estava prestes a manifestar-se em ação. Necessitava-se apenas de dirigentes e organizações, e a oportunidade não se faria esperar.

Napoleão Inicia uma Revolução na América

Foi Napoleão Bonaparte quem realmente iniciou o movimento pela independência na América Latina. Sem qualquer intenção de fazê-lo, Napoleão ajudou as colônias em sua luta pela liberdade.

Em 1808 Napoleão invadiu a Espanha e aproveitou-se duma disputa entre Carlos IV e seu filho Fernando para obrigá-los a resignar aos direitos de realza e colocar seu irmão José no trono. Visto que a monarquia era o único elo constitucional entre a Espanha e a América, êste ato de Napoleão teve amplas conseqüências.

Esta foi a oportunidade da América do Sul, pois embora houvesse exércitos espanhóis na América do Sul, a Espanha pouco ou nada podia fazer para fortalecê-los. A rebelião era inevitável.

Acenderam-se os fogos da revolução, e sob as espadas de Simão Bolívar, José de San Martín, Bernardo O'Higgins, Hidalgo, Morelos, Juárez, e Sucre, obteve-se a ambicionada liberdade.

Em 1826 tinham sido estabelecidos nove Es-

tados soberanos. Ei-los: Os Estados Unidos Mexicanos, a Federação Central Americana, a Grã Colômbia (que abrangia a Colômbia e a Venezuela), as Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina e Uruguai), o Paraguai, o Peru, a Bolívia, o Chile e o Brasil.

Foi removido o jugo de Espanha e Portugal, mas essas novas repúblicas nos anos subsequentes foram oprimidas pela herança de um eclesiasticismo medieval.

A Igreja e o Estado Sob a República

A independência quase dilacerou a vida da Igreja nos países ibero-americanos. A igreja colonial conservava uma índole bem espanhola e portuguesa, e a camada mais elevada da hierarquia era predominantemente de origem espanhola e portuguesa. Era natural que a Igreja se identificasse com o governo peninsular e que seus privilégios fôsem eliminados no novo sistema.

No entanto, em seu livro *Greater Good Neighbor Policy*, declara Barclay: "A Igreja, ciente de sua riqueza e força, ciosa de seu poder, decidida a não deixar abolir nenhum de seus privilégios, tomou uma atitude agressiva. Não hesitou em qualquer país a desafiar o novo governo republicano. Insistiu em assumir a direção e exercer direitos assumidos anteriormente pela realza. Ao fazer isto, tornou-se abertamente um poder político, como tinha sido em essência durante trezentos anos, e como tal tornou-se rival do novo governo."⁸

Com efeito, a Igreja reagiu ferrenhamente contra a determinação dos novos países de libertar-se da dominação político-clerical, e forte foi a sua influência sobre as novas repúblicas em seu período formativo.

O artigo sobre religião submetido à apreciação da assembléia que redigiu a primeira constituição do Peru, dizia o seguinte: "A religião do Estado é a Igreja Católica Apostólica de Roma." Houve grande contenda no tocante à palavra "única" ou "exclusiva" que uma das comissões, sob a influência da Igreja, desejava que fôsse inserida naquele artigo. Finalmente a Constituição, no Artigo IV, incluiu estas palavras: "A nação professa a religião católica apostólica romana. O Estado a protege, e não permite o exercício público de qualquer outra."⁹

Longos debates sobre a mesma questão ocorreram no Congresso de outras nações. Não obstante, apesar de toda a hostilidade dos patriotas contra o clero, a Igreja conseguiu inserir na constituição de cada novo país uma cláusula que fazia da Igreja Católica Romana a igreja oficial e a única reconhecida por lei.

"A despeito dos diligentes esforços de seus grandes líderes, o General San Martín e Bolívar, as autoridades eclesiásticas tinham suficiente influência sobre os auto-

res das novas constituições para tornar crime qualquer culto que não fôsse o da Igreja Católica Romana." 10

Na verdade, o povo obtivera sua liberdade política, mas haveria outra peleja: a luta por uma "igreja livre num Estado livre."

Absolutismo Religioso

O domínio da Igreja sobre a lei nas novas repúblicas era muito forte. De acordo com o primeiro Código Penal do Brasil (1830), era crime os membros de outras religiões construírem templos para seus cultos.¹¹ O Código Penal do Peru estipulava que toda tentativa para alterar a religião católica romana devia ser punida pela "expulsão do país durante três anos."¹² A constituição instituída pelo Chile em 1818 declarava que proteger a fé católica era um dos deveres do Estado, "o qual nunca permitirá qualquer outra religião ou doutrina pública contrária à de Jesus Cristo."¹³ A primeira constituição da Argentina, promulgada em 1819, proporcionava à Igreja Católica Romana permanente representação no Senado, e conferia aos prelados a posição de ministros do Estado.¹⁴ Na concordata entre a Santa Sé e a República do Equador (1862) há a seguinte estipulação: "O catolicismo romano e a religião apostólica continuará sendo a religião da República do Equador. Conseqüentemente não poderá ser praticado nenhum outro culto nem tolerada qualquer outra seita na República."¹⁵

O primeiro Código Penal da Bolívia afirmava no Artigo 195: "Quem quer que conspirar diretamente e de fato para estabelecer qualquer outra religião na Bolívia, ou procurar fazer com que a República deixe de professar a religião católica apostólica romana, é um traidor, e sofrerá a pena da morte."¹⁶

Conpelida pelo firme desejo de apoderar-se do poder temporal em sua plenitude, a Igreja recusou aceitar o casamento civil. Nos *Atos e Decretos* do Concílio de Bispos Latino-Americanos em Roma (1898), encontramos os seguintes artigos:

"Entre os fiéis o matrimônio só pode ser concedido se for ao mesmo tempo um sacramento; e, portanto, qualquer outra união que possa haver entre os cristãos, de um homem e uma mulher, à parte de um sacramento, mesmo se realizada por força da lei civil, é nada mais do que um vergonhoso e pernicioso concubinato (*turpis et ecistialis concubinatus*).... Portanto, sejam os fiéis ensinados em nossas regiões, em todas as quais, sem exceção, é promulgado e recebido incondicionalmente o decreto '*tametsi*' do Concílio de Trento, que nenhum casamento é contraído sem a presença do próprio sacerdote e que a prole gerada por uma união civil é ilegítima perante Deus e a Igreja (*et prolem ex civili conjunctione procreatum illegitimum esse coram Deo et Ecclesia*)." 17

A Igreja também procurou formular os regulamentos de imigração, e excluiu todos os ingressos da Europa protestante. Os imigrantes tinham de ser católicos; e, para assegurar is-

to, um sacerdote viajava a bordo de cada navio para examinar o estado de graça de cada pessoa de origem ibérica ou de cada estrangeiro que estava para chegar. O pretendente podia estar atacado de lepra, varíola ou febre amarela, mas se sua condição religiosa era boa, o sacerdote conferia-lhe o selo da aprovação.

É fácil compreender a autocracia da Igreja expressa nessas leis e regulamentos. Insensível aos anos que passavam, separada do progresso do mundo e da influência do pensamento reformado e avançado, a Igreja Católica na América do Sul permaneceu como reservatório das superstições, da intolerância e da tirania religiosa da Idade Média.

O Conflito Entre a Igreja e o Estado

Conforme dissemos antes, no início de sua independência todos os países fizeram da Igreja Católica Romana a igreja oficial. Contudo, logo que os liberais começaram a pôr em execução suas idéias sobre educação popular, igualdade social e econômica, liberdade de consciência e de imprensa, foram desafiados pelas autoridades eclesiásticas. Dentro em pouco foi traçada uma acentuada linha demarcatória, e na maioria dos países travavam-se constantemente batalhas políticas entre os partidários do clericalismo e os liberais. À medida que a luta se foi intensificando, os dirigentes liberais acusaram o clero de crassa imoralidade e proclamaram a necessidade de uma reforma moral. Denunciaram a enorme riqueza da Igreja, abrangendo vastos territórios, com milhões de recursos disponíveis para empreendimentos comerciais e usos políticos. Em realidade, no decorrer de três séculos a Igreja se tornara imensamente rica. "No Peru, por exemplo, no fim da era colonial, ela possuía aproximadamente quarenta por cento de todas as casas e terras cultiváveis."¹⁸ Lucas Alaman, historiador mexicano, calculou que "nada menos do que a metade dos bens imóveis e do capital do país pertenciam à Igreja. A maior parte restante era controlada pela Igreja através de hipo-

tecas."¹⁹ Essa riqueza quase incrível constituía uma tentação demasiado forte para ser olvidada pelos pensadores liberais.

Foi precisamente no México que a amarga controvérsia entre os liberais e o clero (conservadores) atingiu sua forma mais rancorosa. Como resultado da luta nesse país, sob a liderança de Benito Juárez e com a constituição de 1857, foi declarada a desoficialização da Igreja. "As propriedades eclesiásticas foram nacionalizadas; suprimiram-se as ordens religiosas; o casamento e o registro civil se tornaram obrigatórios; a Igreja e o Estado foram completamente separados."²⁰

O Brasil seguiu o exemplo do México, ao estabelecer a república em 1889.²¹ Cuba e Panamá providenciaram a separação em suas constituições originais. Em 1923 o presidente Alexandre propôs ao Congresso do Chile que a "Igreja devia ser separada de todas as ligações políticas."²²

Assim, gradualmente, em toda parte da América Latina foram abolidos os privilégios eclesiásticos e implantados os princípios de liberdade religiosa.

REFERÊNCIAS:

7. Herman G. James e Percy A. Martin, *The Republics of Latin America* (Nova York: Harper and Brothers Publishers, 1923), págs. 81 e 82.
8. Wade C. Barclay, *op. cit.*, pág. 62.
9. Homer C. Stuntz, *South American Neighbors* (Nova York: The Methodist Book Concern, 1916), pág. 98.
10. *Idem*, pág. 50.
11. J. Lloyd Mehan, *Church and State in Latin America* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1966), pág. 265.
12. Stuntz, *op. cit.*, pág. 98.
13. Barclay, *op. cit.*, pág. 63.
14. *Idem*, pág. 67.
15. Citado por João Lee, *Religious Liberty in South America* (Cincinnati: Jeannings and Graham, 1907), pág. 13.
16. *Idem*, pág. 12.
17. *Idem*, pág. 18.
18. Austin F. Macdonald, *Latin American Politics and Government* (Nova York: Thomas Y. Crowell Company, 1950), pág. 17.
19. Barclay, *op. cit.*, pág. 65.
20. James and Martin, *op. cit.*, pág. 340.
21. Austin F. Macdonald, *op. cit.*, pág. 126.
22. Barclay, *op. cit.*, pág. 67.

Mostrando o Caminho da Salvação

"Não somos enviados para pregar sociologia, mas salvação; não economia, mas evangelismo; não reforma, mas redenção; não cultura, mas conversão; não progresso, mas perdão; não uma nova ordem social, mas o novo nascimento; não revolução, mas regeneração; não renovação, mas reavivamento; não ressurgimento, mas ressurreição; não uma nova organização, mas uma nova criação; não democracia, mas o evangelho; não civilização, mas Cristo. Somos embaixadores, não diplomatas." — HUGO THOMSON KERR, citado em *Evangelism Today*, por Samuel Marinus Zwemer, pág. 16.

TODOS os adventistas concordarão com os seguintes pontos: Primeiro, Jesus Cristo é a personificação de tôdas as verdades religiosas essenciais. Êle é o centro de tôdas as doutrinas verdadeiras. Segundo, as diversas doutrinas que compõem a fé adventista devem ser apresentadas como dimanando de Cristo, da mesma maneira como os raios duma roda procedem do cubo. Terceiro, o evangelho eterno da tríplice mensagem de Apocalipse 14:6-14 prende tôdas estas verdades numa unidade harmoniosa, assim como o aro prende os raios duma roda.

Tudo isto é aceito. Mas o que estamos fazendo para seguir êste plano na apresentação da verdade numa série de conferências, nos estudos bíblicos aos interessados e nos cursos por correspondência? Muito mais precisa ser feito neste sentido. Obter-se-ão então resultados maiores. Certamente ninguém usou êste conceito em tôdas as suas possibilidades. Alguém precisa preparar um nôvo curso bíblico por correspondência que aplique esta idéia de modo mais eficiente do que os cursos usados no presente.

Não existe um método fixo para executar isto nos sermões duma campanha evangelística. Alguém poderá fazê-lo com êxito, duma maneira; outro poderá fazê-lo de modo completamente diferente, com idêntico êxito ou até maior.

Apresentamos estas sugestões para uma nova maneira de expor as doutrinas centralizadas e personificadas em Cristo, a Verdade, e vinculadas à tríplice mensagem, à qual devemos nossa existência como povo separado. Estas sugestões são tão aplicáveis e práticas numa série de estudos bíblicos no lar, como nos sermões duma campanha de evangelismo público. Adaptam-se também ao método "A Bíblia Fala."

O primeiro assunto intitula-se: "A Ponte Para um Mundo sem Perturbação." A idéia fundamental é que Jesus Cristo estabeleceu uma ponte através do abismo do pecado, por Sua encarnação, vida sem pecado, crucifixão, ressurreição, ascensão e segundo advento. Aceitando-O, passamos da morte para a vida. Seu segundo advento preparará o caminho para o lugar em que poderemos viver num mundo perfeito, livre de aflição, guerra, doença, velhice e morte.

A Roda da Verdade

Dentro da Bíblia cada pessoa recebe um cartão em que é impressa a roda da verdade. No cubo aparece o emblema da cruz, rodeado pelas palavras: "Cristo, a Verdade." Do cubo procedem então dezessete raios. Nenhum dêles recebe algum nome, pois o plano é que cada ouvinte coloque o nome de cada raio à medida que forem sendo pregados os sermões sucessivos. Junto ao aro da roda são colocadas as palavras: "O Evangelho Eterno Para Êstes Últimos Dias ou A Tríplice Mensagem de Apocalipse 14:6-

14." No fim do primeiro sermão as pessoas são convidadas a receber o cartão e escrever no raio n.º 1: "Cristo, o Único Salvador," inserindo depois o cartão outra vez na Bíblia.

Na próxima reunião as pessoas recebem a mesma Bíblia que usaram na primeira reunião. O segundo assunto é: "Biografia Escrita Antes do Nascimento." Trata do impressionante cumprimento das profecias messiânicas do Antigo Testamento na vida de Jesus de Nazaré. No fim do estudo êles são convidados a pegar o cartão com a roda e escrever estas palavras no raio n.º 2: "Cristo, o Verdadeiro Messias."

O terceiro assunto é: "Era Cristo ao Mesmo Tempo Deus e Homem?" Neste estudo é demonstrada pela Palavra a preexistência de Cristo, como eterno Filho de Deus, e também que Êle é o Criador dêste mundo e outras provas incontrovertíveis de Sua divindade. As pessoas são convidadas a escrever no raio n.º 3: "A Divindade de Cristo."

A seguir vêm os assuntos que tratam do Segundo Advento, dos sinais de Sua vinda, da tríplice mensagem como a verdade presente para nosso tempo (sem fazer então qualquer tentativa para interpretar ou identificar Babilônia, a bêsta etc. Declarar ser esta a mensagem final do Evangelho, e que o objetivo dêstes estudos é mostrar pela Bíblia qual é o significado dessas expressões), o lar dos salvos, justificação, san-

Pregação da Tríplice

tificação, os Dez Mandamentos como o eterno padrão de justiça instituído por Cristo (neste assunto é mostrado como as leis abolidas mencionadas no Nôvo Testamento são as leis cerimoniais de Moisés e certos estatutos civis. É explicada a questão de não estarmos debaixo da lei mas sim debaixo da graça. Assim ninguém precisará usar isto mais tarde como objeção contra o sábado), o sábado como sinal de Jesus Cristo como Deus o Criador e único Salvador, o santuário e o juízo, imortalidade condicional, mordomia cristã, temperança cristã, normas cristãs, batismo etc. Os ouvintes escrevem nos raios os títulos dos assuntos à medida que fôr sendo desdobrada a verdade.

Êste plano pode servir de real auxílio para o pastor em seu programa de reforço após a saída



© 1952 REVIEW AND HERALD

HARRY ANDERSON, ARTIST

das a aceitar cada verdade sucessiva à medida que fôr sendo apresentada. Abraçam então de bom grado a tríplice mensagem como a verdade completa para esta importante hora final.

Perceberão que os adventistas do sétimo dia não são uma seita ou um povo esquisito, com opiniões fanáticas e extremistas. Reconhecerão que somos cristãos evangélicos, cristãos do Novo Testamento. Verão que os adventistas não são meramente mais uma denominação entre outras duzentas e cinquenta. Notarão que eles constituem o divinamente estabelecido movimento profético de Apocalipse 14:6-14 — o povo remanescente de Deus mencionado em Apocalipse 14:2 e 12:17. Compreenderão que não se estão unindo simplesmente com outra igreja, mas apegando-se ao que Deus determinou para

Mensagem Centralizada em Cristo

J. L. SHULER

Prelecionador Bíblico em Loma Linda, Califórnia

do evangelista. Ele poderá dizer ao povo: “Continuaremos a estudar juntos a Bíblia para acompanhar esta roda da verdade. Outras verdades procederão assim de Cristo, a Verdade, para nossa animação e auxílio.”

Um Método Centralizado em Cristo

Ao preencherem as pessoas estes raios um após o outro, à medida que prosseguirem os estudos ou as reuniões, é experimentada a atração de Cristo. Ele é o ímã do universo. Ao ser exaltado, atraí-los em submissão ao pé da cruz. Quando as pessoas vêm cada uma das verdades centralizadas e personificadas em Cristo e vinculadas numa unidade harmoniosa dentro do âmbito da tríplice mensagem, são persuadi-

o nosso tempo — a derradeira mensagem evangélica que está preparando um povo para o segundo advento do Senhor.

Deus vos outorgou a roda da verdade. Tomai-a e ide levar a verdade de Deus a muitos lugares.

Considerai quão grandes proezas realizou Paulo, sob a direção divina, com a roda da verdade para seu tempo. Temos tôdas as verdades que Paulo possuía, e também as verdades especiais para enfrentar as necessidades deste período final. Oxalá sejamos como os que são descritos em Daniel 11:32: “O povo que conhece ao seu Deus se esforçará e fará proezas.” Levemos avante a mensagem que trará o Rei do Céu para introduzir a tão almejada eternidade!

Pregando a Mensagem a Pessoas de Diferente Formação Religiosa

W. G. JENSON

Secretário de Atividades Missionárias e Rádio-TV da União Noroeste da Índia

AO apresentar a “última advertência” num país como a Índia, descobre-se com frequência que os métodos e a aproximação usados em outras regiões não parecem produzir os mesmos resultados. Às vezes, quando os evangelistas ou outras pessoas interessadas contemplam os escassos resultados, são tentados a pensar que o “dia da graça de Deus” terminou em tais países, e até podem sentir o impulso de “sacudir o pó” de seus pés.

A ordem de nosso Senhor a Seus discípulos de irem “por todo o mundo” (S. Mar. 16:15) faz-nos crer que pessoas de tôdas as raças e climas aceitariam os ensinamentos de Sua Palavra, assim como sucederia com o fato de que a pregação da primeira mensagem angélica devia entender-se a “cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Apoc. 14:6). O próprio Cristo declarou que a mulher siro-fenícia, cuja filha estava possessa de um espírito imundo (S. Marcos 7:25-30), era uma pessoa de muita fé. A história de Cornélio é uma dramática ilustração de um centurião romano que servia a Deus de maneira restrita mas muito devota, e foi aceito pelo Senhor, conforme disse Pedro (Atos 10:1-35). Disse Cristo a respeito do centurião de Cafarnaum que viera implorar a cura de seu servo: “Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta.” E acrescentou: “Digo-vos que *muitos* virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus.” S. Mat. 8:10 e 11. Também temos uma declaração muito animadora de que “na África . . . , nas terras católicas da Europa e da América do Sul, na China, na Índia . . . , Deus tem em reserva um firmamento de escolhidos que brilharão em meio às trevas, revelando claramente a um mundo apóstata o poder transformador da obediência a Sua lei. Mesmo agora eles estão aparecendo em tôda nação.” — *Profetas e Reis*, pág. 189.

A Mais Grandiosa Hora da Igreja

É com a convicção de que o “dia da graça de Deus” não terminou, e que a igreja está no li-

miar de sua mais grandiosa hora na Índia, que labutamos na desafiadora obra do evangelismo público. Alguns que anteriormente estavam empenhados neste setor substituíram-no por outros métodos de alcançar as pessoas. Abandonaram o evangelismo na própria ocasião em que ele devia ser promovido e desenvolvido como nunca dantes. Desfrutamos liberdade de culto neste país, e há aqui homens e mulheres de tôdas as categorias sociais que sentem fome da Palavra de Deus.

Em tais circunstâncias, convém que os obreiros examinem cuidadosamente seus métodos e sua aproximação. Uma aproximação estereotipada mostrar-se-á ineficaz em qualquer lugar. Há algumas sugestões que eu gostaria de fazer para ajudar a tornar mais frutífera a apresentação de nossa mensagem na Índia.

É Necessário Haver um Denominador Comum

A pregação não deve restringir-se a determinado grupo de pessoas. Nossa obra pública deve ser de tal natureza que abranja pessoas de tôdas as formações religiosas representadas na comunidade em que será efetuada a pregação. Isto pode constituir um repto para o obreiro, mas creio que afinal a mensagem alcançará mais corações. Deve-se procurar um denominador comum quando a conferência está sendo preparada.

Creio que se deve dar constante ênfase à Pessoa de Jesus Cristo, a Sua vida e ensinamentos, e aos motivos e propósitos de Sua morte, ressurreição, ascensão, ministério nas côrtes celestiais e Sua volta. Nunca devemos perder de vista o fato de que o primeiro anjo de Apocalipse 14 tem o evangelho eterno bem como a mensagem da hora do juízo. Tal ênfase incluirá, necessariamente, a apresentação da existência e natureza de Deus, da origem do pecado, da queda do homem e da amorosa resposta de Deus ao dilema do homem. Se nos demormos nestes grandiosos assuntos fundamentais, muitas pessoas que têm a impressão de que os adventistas do sétimo dia só salientam a lei e o

sábado, terão nova compreensão da mensagem. Outros que nunca ouviram a maravilhosa história do plano da salvação por meio de Jesus, serão levados a aceitar a Cristo como seu Salvador.

Depois de lançar este fundamento, pode-se então passar para a consideração da Bíblia como Livro divinamente inspirado. A essa altura muitos por certo já terão recebido a Bíblia como prêmio de assistência às reuniões. Deve-se dar esmerada e cuidadosa atenção ao estabelecimento da fé na Bíblia Sagrada. Pode-se orientar os que desejam ler a Bíblia. Também é possível combinar estudos bíblicos com indivíduos ou grupos. No entanto, convém cuidar para que os estudos bíblicos não tomem a dianteira das conferências públicas no ensino da Bíblia.

Evitar Afrontas

É indispensável que o obreiro tenha boa compreensão das diversas religiões do povo que vive no território a ser atingido pelas conferências, e deve-se ter muito cuidado para não falar de maneira ofensiva aos indivíduos pertencentes a essas crenças. Não convém fazer comparações diretas, e qualquer referência tanto às religiões como a seus fundadores deve ser feita com grande respeito e delicadeza. É possível que a apresentação do aspecto positivo dos ensinamentos de Cristo exerça profundo efeito sobre a mente dos ouvintes, e que o Espírito Santo inculque as verdades de maneira poderosa, sem que o obreiro tenha de reparar tanto a conclusão que ela se torne ofensiva a qualquer de seus ouvintes.

O conhecimento dos costumes e provérbios do povo entre o qual são realizadas as reuniões será útil para apresentar os ensinamentos de Cristo e a Bíblia Sagrada. O conhecimento da língua e seus idiotismos também conquistará o interesse dos ouvintes (não que as conferências tenham sempre de ser proferidas nessa língua, mas o emprêgo ocasional de uma expressão idiomática ajudará a esclarecer algum ponto). Outrossim, a linguagem deve ser de tal maneira que possa ser compreendida por todos. Verdades profundas, que apelem às pessoas mais cultas, precisam ser expressas em linguagem tão simples que possa ser compreendida pelos indoutos.

Quando há pessoas no auditório que não têm qualquer conhecimento da Bíblia, convém que o evangelista dedique tempo para ajudar seus ouvintes a obter ampla e geral compreensão prática dos personagens bíblicos e de sua história. Muitas vezes, os que professam crer na Bíblia Sagrada não estão bem informados no tocante aos acontecimentos registrados nas Escrituras, ou acerca dos desígnios de Deus no trato com Seu povo. Semelhante plano também fortalecerá os que começaram recentemente a ter fé na Bíblia,

ou que têm interesse em aprender os ensinamentos da Palavra de Deus.

Este programa pode ser desenvolvido de tal forma que proporcione aos ouvintes o conhecimento que facilite a apresentação das doutrinas bíblicas numa época posterior. Mesmo enquanto é feito isso, o orador pode salientar certos pontos vitais que muito o ajudarão na exposição das doutrinas bíblicas. É provável que a apresentação prematura das doutrinas a pessoas que têm pouco ou nenhum conhecimento das Escrituras Sagradas não encontre boa recepção, ao passo que essas mesmas doutrinas podem ter rápida aceitação nas mentes em que foi cultivado amor pela Bíblia e fé nesse Livro sagrado.

A Vida Pessoal é Importante

Cumprir dizer alguma coisa sobre a importância da vida do próprio obreiro. "O que ensina a Palavra precisa, é próprio, viver em consciente e contínua comunhão com Deus pela oração e estudo de Sua Palavra; pois nela está a fonte da fortaleza. A comunhão com Deus comunicará aos esforços do ministro um poder maior que a influência de sua pregação. Não se deve é permitir privar-se deste poder." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 362. "A paz celestial que o semblante de Paulo irradiava ganhou muitas almas ao evangelho. Paulo levava consigo a atmosfera do Céu. Todos os que com ele se associavam sentiam a influência de sua união com Cristo. O fato de que sua própria vida exemplificava a verdade que pregava, dava a sua pregação um convincente poder. Nisto reside o poder da verdade. A influência espontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em prol do cristianismo. O argumento, mesmo quando seja irrespondível, pode só provocar oposição; mas o exemplo piedoso tem um poder a que é impossível resistir completamente." — *Idem*, págs. 510 e 511. Além disso, a "compreensão [que os discípulos tinham] da verdade e sua resistência em face da oposição eram proporcionais à conformidade que tinham com a vontade de Deus. Jesus Cristo, poder e sabedoria de Deus, era o tema de todos os seus discursos. . . . Ao proclamarem a plenitude de Cristo, o Salvador ressuscitado, suas palavras tocavam os corações, e homens e mulheres eram ganhos para o evangelho. Multidões que haviam injuriado o nome do Salvador e desprezado Seu poder, confessavam-se agora discípulos do Crucificado." — *Idem*, pág. 594.

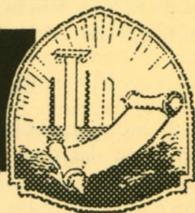
Em resumo, planejemos nosso programa de evangelismo de maneira a abranger as pessoas de todas as crenças e condições sociais. Temos a certeza de estar apresentando as "verdades fundamentais" do evangelho e con-

duzamos homens e mulheres a Cristo, para que O aceitem como Salvador. Apresentemos a mensagem com simplicidade, adaptando nossos sermões no máximo possível à experiência das pessoas no auditório. Saibamos que dedicando tempo para dar a nossos ouvintes amplo conhecimento prático da Bíblia, estamos lançando um fundamento que tornará mais fácil a apresentação das doutrinas. E, reconhecendo o maravilhoso privilégio que temos, bem como a enorme responsabilidade que pesa sobre nós, consagramo-nos novamente ao Senhor Jesus Cristo, buscando uma nova experiência na vida cristã, pa-

ra que nossa pregação seja confirmada por nosso exemplo.

“O que a igreja necessita nestes dias de perigo é de um exército de obreiros que, como Paulo, se tenham educado para utilidade, que tenham uma profunda experiência nas coisas de Deus, e que sejam cheios de fervor e zelo. Necessita-se de homens santificados e abnegados; homens que não se esquivem a provas e responsabilidades; homens que sejam bravos e verdadeiros; homens em cujo coração Cristo está formado ‘a esperança da glória,’ e que com lábios tocados com santo fogo ‘preguem a Palavra.’” — *Idem*, pág. 507.

PESQUISA - Teologia, História, Ciência



A Distinção Entre Animais Limpos e Imundos

Primeira Parte

ROBERTO L. ODOM

Do Departamento de Pesquisa da Associação Geral

FAZER distinção entre animais limpos e imundos, no que diz respeito ao uso de sua carne como alimento, tem sido há muito tempo uma prática familiar entre os judeus. Desempenha uma parte no seu tratado dietético “kosher” na época atual. Durante os séculos este costume excitou muita curiosidade entre outros povos, levando-os a fazer indagações a respeito. Ocupa também um lugar no sistema alimentar dos adventistas do sétimo dia.

Quando, como e por que surgiu esta distinção entre animais limpos e imundos?

Ao procurar responder a esta pergunta, é necessário levar em consideração dois fatos importantes. Ei-los:

Não Havia Necessidade de Distinção

Primeiro, não havia necessidade de semelhante lei quando Adão e Eva foram criados e durante o tempo em que mantiveram sua primi-

tiva inocência e santidade. Quando criou o homem, disse Deus: “Eis que vos tenho dado tôdas as ervas que dão semente e se acham na superfície de tôda a Terra, e tôdas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da Terra e a tôdas as aves dos Céus e a todos os répteis da Terra, em que há fôlego de vida, tôda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez.” Gênesis 1:29 e 30.

Assim, o plano original do Criador para com o homem e os animais era que eles se mantivessem com um regime vegetariano. “Um animal não devia destruir outro para sua manutenção.” — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 396.

Segundo, no mundo melhor que está para vir não haverá carnívoros entre homens e animais. Portanto não haverá necessidade da lei que estabelece distinção entre animais limpos e imundos no que diz respeito ao regime ali-

mentar, pois os homens e os animais não devorarão uns aos outros naquele tempo. Disse o Senhor acerca dessa época futura:

“Eis que Eu crio novos céus e nova Terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas.” Isa. 65:17. “O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o Meu santo monte, diz o Senhor.” Verso 25.

E ainda mais: “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão nôvo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o Meu santo monte, porque a Terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.” Isa. 11:6-9.

É evidente, pois, que as leis que fazem distinção entre animais limpos e imundos, e o uso da carne de animais como alimento para os seres humanos, foram introduzidos depois que o homem começou a pecar. Além disso, elas cessarão *depois* que a humanidade parar de pecar. Tanto o homem como os animais eram vegetarianos originalmente, e serão vegetarianos no final.

A permissão para comer carne de animais foi dada pela primeira vez ao homem, pelo Senhor, logo depois que Noé e sua família saíram da arca em que sobreviveram ao dilúvio. Então lhes foi declarado: “Tudo o que se move, e vive, ser-vos á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora. Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis.” Gên. 9:3 e 4.

Desta passagem das Escrituras deduzimos dois fatos importantes: (1) durante os primeiros 1.650 anos (aproximadamente) de sua história, o homem não tinha permissão do Senhor para comer a carne de animais; (2) a proibição de usar o sangue como alimento foi dada a toda a humanidade (ver também Atos 15:19, 20 e 29). Noé e sua família eram toda a raça humana e os antepassados de todos os homens que nasceram daquele tempo para cá. Essa instrução foi dada uns mil anos antes de ser incluída no código mosaico outorgado a Israel.

Contudo, *antes* do dilúvio e *antes* de o homem obter permissão para acrescentar a carne de animais a seu regime alimentar, já estava em voga a lei que fazia distinção entre animais limpos e imundos. Ao dar instruções a Noé no tocante à construção da arca, disse o Senhor:

“De todo *animal limpo* levarás contigo sete

pares: o macho e sua fêmea; mas dos *animais imundos*, um par: o macho e sua fêmea.” Gên. 7:2.

E o relato afirma: “Dos *animais limpos*, e dos *animais imundos*, e das aves, e de todo réptil sobre a Terra, entraram para Noé, na arca, de dois em dois, macho e fêmea, como Deus lhe ordenara.” Versos 8 e 9.

Noé Conhecía a Diferença

Não existe no relato a mínima insinuação de que o Senhor tivesse de contar a Noé como fazer distinção entre animais limpos e imundos. É evidente que êle já conhecia a diferença. Lemos que quando êle e sua família saíram da arca depois do dilúvio, “levantou Noé um altar ao Senhor, e, tomando de *animais limpos* e de *aves limpas*, ofereceu holocaustos sobre o altar.” Gên. 8:20.

Por que fazer qualquer distinção entre animais limpos e imundos *antes* de o homem receber permissão do Senhor para comer a carne de animais? A declaração que acabou de ser citada supre a resposta para esta pergunta. Logo depois que o homem começou a pecar, foi introduzido o sagrado sistema de oferecer animais como sacrifício para simbolizar e ilustrar o plano de Deus para prover perdão aos pecadores arrependidos, por meio de uma expiação feita pelo derramamento de sangue — a morte da vítima sacrificial. “A alma que pecar, essa morrerá.” Ezeq. 18:4 e 20. “O salário do pecado é a morte.” Rom. 6:23. O plano de Deus para a expiação do pecado era que a pena de morte que cabia ao pecador arrependido recaísse simbolicamente sobre o inocente animal a ser sacrificado, a fim de possibilitar a reconciliação do homem com Deus. (Ver Isaias 53:5-12; S. João 1:29 e 36; I S. Pedro 1:18-20.)

Tinha que Ver com os Sacrifícios

Por conseguinte, ao considerarmos o que é dito ou insinuado a respeito do oferecimento de sacrifícios em Gênesis 3:21; 4:1-7; 8:20, é evidente que a lei sagrada que fazia distinção entre animais limpos e imundos foi dada originalmente como regulamento para o serviço sacrificial. Proibia o uso de certos animais e aves como sacrifícios a Deus. A oblação de cães, serpentes, abutres, leões, porcos, águias etc., como holocausto ou oferta pelo pecado, em veneração religiosa ao Criador do Céu e da Terra, era considerada imprópria e desairosa.

Lemos: “Apenas animais limpos e preciosos, que simbolizassem da melhor maneira a Cristo, eram aceitos como sacrifícios a Deus. O asqueroso porco, o leão devorador, e animais de índole semelhante, que se alimentam da carne de animais, não deviam ser trazidos.” — E. G.

White, "Ofertas Sacrificais," em *Signs of the Times*, 15 de julho de 1880, pág. 313.

Cuidadoso estudo de tudo o que está escrito na Bíblia a respeito do sistema sacrificial desde Adão até Moisés, inclusive o livro de Jó, revela que nenhum indivíduo fiel da era patriarcal ofereceu qualquer animal ou ave imunda como sacrifício ao Senhor.

A Lei Sacrificial Estende-se a Costumes Alimentares

Afigura-se também que quando o Senhor permitiu que o homem comesse da carne de animais (Gên. 9:3 e 4), a sagrada lei que fazia distinção entre animais limpos e imundos para fins sacrificais passou a reger o uso da carne de animais como alimento para o homem. Esmerada investigação de tudo o que a Escritura relata no tocante aos costumes alimentares dos fiéis, do tempo de Noé até Moisés, revela que jamais eles usaram como alimento a carne de qualquer animal ou ave imunda. O ensino dos adventistas do sétimo dia a êsse respeito foi expresso por Ellen G. White, ao comentar o seguinte sôbre Gênesis 9:3 e 4:

"Antes dêsse tempo Deus não dera permissão ao homem para comer alimentos animais. Tôdas as coisas vivas sôbre a face da Terra com que o homem podia alimentar-se haviam sido destruídas, por isso Deus permitiu que Noé comesse dos animais limpos que levava consigo para dentro da arca." — *Spiritual Gifts*, Vol. 3, pág. 76.

De acôrdo com o relato bíblico do dilúvio, "prevaleceram as águas excessivamente sôbre a Terra, e cobriram todos os altos montes que havia debaixo do céu. Quinze côvados acima dêles prevaleceram as águas; e os montes foram cobertos." Gên. 7:19 e 20. Portanto, quando Noé e sua família saíram da arca, um ano e dez dias depois que o dilúvio irrompera sôbre o mundo (Gên. 7:11 e 24; 8:3-14), encontraram ruína e desolação em tôda parte. Os gêneros alimentícios armazenados na arca deviam ter diminuído consideravelmente, e sem dúvida eram insuficientes para suprir tôdas as suas necessidades até chegar a próxima colheita. A erva verde fôra acrescentada ao primitivo regime alimentar do homem depois que êste havia pecado, quando então o fruto da árvore da vida foi removido de sua alimentação (Gên. 3:18 e 22-24). O alimento cárneo foi um suplemento adicional ao regime alimentar do homem, em especial sob as condições que prevaleciam no mundo depois do dilúvio.

(Continuará no próximo número)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 34

N.º 5

NESTE NÚMERO

UMA ORAÇÃO EM BUSCA DA CHAMA CELESTIAL
Carlos Haddon Spurgeon 2

EDITORIAL

O Sacerdócio Universal
Enoch de Oliveira 3

ARTIGOS GERAIS

A Chuva Temporã e a Serôdida
Dallas Youngs 5
A Última Crise Espiritual do Remanescente
de Deus
P. J. Retief 7
"Um Abismo Chama Outro Abismo"
Raul S. Watts 10
O Significado do Culto
Filipe W. Dunham 12

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

A América do Sul, a Mensagem Adventista
e o Método — 2.ª Parte
Enoch de Oliveira 15
Pregação da Tríplice Mensagem Centralizada
em Cristo
J. L. Shuler 18
Pregando a Mensagem a Pessoas de Diferente
Formação Religiosa
W. G. Jenson 20

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

A Distinção Entre Animais Limpos e Imundos
— 1.ª Parte
Roberto L. Odom 22

